

Tabelas comparativas – Arquitetura da Natureza

Formato: A3 (paisagem). Leitura otimizada para impressão ou visualização em tela.

Tabela 1 – Panorama geral

Ângulo	Minha obra: Arquitetura da Natureza	Saraceni (Elementais + Gênios)	Kardec (O Livro dos Espíritos)	Besant/Leadbeater (Formas de Pensamento)	Convergências	Divergências
O que é um elemental?	Função/regime: consciência operacional associada a padrões naturais; tendência a impessoalidade e coletividade.	Mapa mágico-operativo: classes, subtipos e práticas; linguagem mais relacional e ritualizada.	Agentes em graus e hierarquia; organiza por leis e princípios (mais filosófico-doutrinário).	Formas-pensamento: pensamentos/emoções podem gerar formas persistentes e influentes; explica projeções.	Agência na natureza e gradação/escala aparecem por caminhos diferentes.	Minha obra reduz personificação; Saraceni usa linguagem entitativa e ritual; Teosofia explica projeção; Kardec prioriza lei moral e hierarquia.
O que é um Deva?	Coordenação sistêmica (macroescala), organizador de padrões; impessoal; não responde a carências emocionais.	Gênios e regências funcionais com proximidade evocativa (ênfase prática).	Direção/execução via agentes; providência em moldura teísta e pedagógica.	Filtro: nem toda “mensagem” é deva; pode ser forma-pensamento/egrégora mental-coletiva.	Hierarquia e atribuições aparecem em todas as abordagens.	Minha obra recusa “favor pessoal”; Saraceni trabalha reciprocidade ritual; Kardec mantém providência; Teosofia destaca mecanismo psíquico.
Mito: literal ou interface?	Símbolo como interface cultural para funções/regimes; nomes variam por cultura e não definem indivíduos universais.	Usa mito e símbolo como linguagem operativa e ritual.	Racionaliza e filtra excessos; preserva núcleo pedagógico/explicativo.	Imagens mentais podem ganhar forma e persistência; explica “substância psíquica” do símbolo.	O mito funciona como mapa (com graus de literalidade), não como “foto” do invisível.	Minha obra desmitifica sem reduzir; Saraceni re-mitifica para operar; Kardec educa por doutrina; Teosofia explica projeção/egrégora.
Finalidade de grandes fenômenos naturais	Coerência do sistema; não centrado no humano.	Foco frequente em efeitos práticos humanos (cura, proteção, neutralização).	Ênfase em equilíbrio/harmonia das forças naturais.	Vibrações mentais e emocionais influenciam ambientes e pessoas.	Equilíbrio e responsabilidade aparecem com força.	Minha obra é anti-anthropocêntrica; Saraceni é mais antropocêntrico-operativo.
Gaia	Sistema autorregulado; não “mãe emocional”; responde a pressão/desequilíbrio.	Não é eixo central; aparece mais como forças e inteligências naturais em prática.	Não usa “Gaia” como conceito moderno, mas admite ordem e finalidade na natureza.	Não aborda Gaia diretamente; ajuda a filtrar projeções e egrégoras.	Convergência parcial: natureza como sistema ordenado.	Minha obra combate antropomorfismo com mais ênfase e linguagem sistêmica.

Tabela 2 – Ontologia (modo de existir)

Conceito	Minha obra	Saraceni (conjunto)	Kardec	Besant/Leadbeater	Síntese para o leitor
Elemental	Operador funcional de regime (microfunção do campo).	Agente/força em classes e subtipos com aplicação ritual e linguagem entitativa.	Agentes em graus; direção e execução (hierarquia).	Forma-pensamento pode parecer “ser” e afetar ambientes; muitas percepções são projeções.	Relatos podem misturar função natural real, agência espiritual e projeção mental. Discernimento é separar camadas.
Deva	Organizador de padrões sistêmicos (macrocoordenação) e impessoalidade.	Regências e gênios com proximidade evocativa; foco em aplicação.	Providência e lei moral via agentes; escala evolutiva.	Filtro contra canalizações contaminadas por emoção/egrégora.	Diferença central: impessoalidade e escala (minha obra) versus relação ritual (Saraceni), com Kardec e Teosofia ajudando na triangulação.
Espíritos da natureza	Funções distribuídas; nomes são traduções culturais de padrões recorrentes.	Classes com atributos e usos práticos; linguagem mais “pessoal”.	Organiza por leis, moral, gradações e atribuições.	Mente coletiva cria formas que podem “parecer entidades”.	Nem tudo que parece “ser” é ser autônomo; pode ser efeito de campo ou forma-pensamento.

Tabela 3 – Hierarquia e agência

Pergunta	Minha obra	Kardec	Saraceni (conjunto)	Implicação prática
Existe hierarquia real?	Sim: elementais operam localmente; devas coordenam; Gaia integra.	Sim: direção e execução; agentes em graus.	Sim: regências, classes e subtipos orientam práticas.	Antes de nomear, definir escala: microoperação, macrocoordenação ou projeção (forma-pensamento).
A natureza age para “me atender”?	Não como regra; age por coerência sistêmica do todo.	Geralmente visa equilíbrio/harmonia das forças naturais.	Operações e rituais tendem a ser centrados em demandas humanas.	Trocar “pedido” por “alinhamento”: adequação ao regime e à função do lugar.
Deva responde a súplica emocional?	Não: impessoalidade e função.	Providência e lei moral (moldura teísta/pedagógica).	Linguagem de reciprocidade ritual e proteção.	Se “negocia por afeto”, suspeitar de projeção/egrégora ou espírito humano, não deva.

Tabela 4 – Epistemologia e filtros (discernimento)

Ângulo	Minha obra	Besant/Leadbeater	Ponto de tensão com Saraceni	Como conciliar (síntese)
Personificação automática	Critério: observar padrão/efeito/função antes de “dar rosto” e narrativa.	Forma-pensamento explica por que imagens mentais viram formas reais no sutil.	Nomes, clãs e ritos podem reforçar leitura entitativa em leitores sem filtro.	Usar nomes como rótulos funcionais, sem literalizar; validar por coerência, efeito e ética.
Limites responsáveis	Separar observado, deduzido e não sabido; não substituir ciência.	Mostra limites de representação; percepção muda cor/forma e “traduz” fenômenos.	Protocolos prescritivos podem ser lidos como ontologia final.	Tratar Saraceni como tradição operativa; usar filtros para evitar autoengano e literalismo.
Mensagem moralizante e favor pessoal	Desconfiança: tende a ser projeção, holopensene ou egrégora.	Compatível com formas mentais coletivas que “falam” com voz do grupo.	Prática devocional pode estimular “voz” e narrativa (se não houver discernimento).	Priorizar sinais de função e coerência sistêmica; reduzir expectativa de diálogo humano com a natureza.

Tabela 5 – Taxonomia e regimes

Categoria	Minha obra (função técnica)	Minha obra (equivalência cultural)	Saraceni (conjunto)	Convergências e divergências
Quatro clássicos	Leitura por regimes (coesão, fluxo, dispersão, transmutação) e estados correlatos.	Nomes variam por cultura; função recorrente é o dado.	Quatro elementos como base operativa; combinações e aplicações.	Convergência: classes e combinações. Divergência: linguagem físico-funcional versus mágico-ritual.
Híbridos e interfaces	Estados intermediários e zonas de contato (litoral, lama, vapor, gelo, poeira, lava etc.).	Listas interculturais de híbridos e papéis ecológicos/simbólicos.	Combinâncias e especializações por função prática.	Convergência: combinância. Divergência: foco ecossistêmico-sistêmico versus foco em efeito e operação.
Sistêmicos	Devas como coordenação; Gaia como integração planetária.	Equivalentes por cultura (kami, archai, espíritos regentes etc.).	Regências e gênios com atribuições protetoras/guardianas.	Divergência: impessoalidade e escala (minha obra) vs proximidade evocativa e ritual (Saraceni).

Tabela 6 – Operação e ritual

Aspecto	Minha obra	Saraceni (conjunto)	Kardec	Nota crítica (para não confundir)
Forma de interação	Lucidez, disciplina perceptiva e ética; alinhamento ao regime do lugar.	Evocações, protocolos, linguagem de forças e inteligências da natureza aplicáveis.	Explicação e pedagogia moral; pouca ritualística prática.	Saraceni como liturgia operativa; minha obra como controle conceitual e filtro de interpretação.
Proteção e limpeza	Coerência de campo e higiene consciencial (menos “guerra”).	Proteção e neutralização por práticas específicas.	Ordem e lei moral como eixo.	Moralização e personificação podem aumentar ruído perceptivo; usar critérios de função, efeito e consequência.
Resultados e validação	Validar por coerência sistêmica, impacto ecológico e maturidade consciencial.	Valida por resultado prático e tradição ritual.	Valida por coerência doutrinária e lógica moral.	Triangular: resultado prático, coerência ética e filtro contra projeções (formas-pensamento).

Tabela 7 – Ética, retorno e amoralidade funcional

Tópico	Minha obra	Saraceni	Kardec	Convergência	Divergência
A natureza “julga”?	Não julga moralmente; responde por coerência e consequência sistêmica.	Enquadra bem/mal e retorno ao operador (lei de retorno).	Lei moral e progresso; providência via agentes (moldura teísta).	Responsabilidade humana é central.	Linguagem: sistêmica (minha obra) vs moral-operativa (Saraceni) vs moral-doutrinária (Kardec).
Retorno (karma e custo)	Geoética: o que rompe equilíbrio gera resposta do sistema.	Retorno explícito ao operador.	Leis e finalidade; pedagogia do progresso do espírito.	Há consequência, não “gratuidade” causal.	Difere a explicação: custo sistêmico vs punição/recompensa/providência.
Risco e prudência	Risco é erro de leitura e interferência imprudente em regimes.	Risco inclui interferências e práticas mal conduzidas; pede protocolo e cuidado.	Risco é ignorância das leis e conduta moral.	Prudência aparece em todas as abordagens.	Ênfase: discernimento/modelo vs protocolo vs moral/lei.

Tabela 8 – Gaia e macroescala

Ângulo	Minha obra	Kardec	Saraceni	Nota de leitura
Gaia é ser pessoal?	Não: sistema autorregulado; responde a pressão/desequilíbrio, não a carência emocional.	Não formula Gaia; reforça ordem/finalidade da natureza.	Não é eixo central; foco em práticas e inteligências da natureza.	Minha obra é a mais anti-antropomórfica e mais sistêmica neste ponto.
Elementais/Devas como subsistemas	Elementais: microgestão; Devas: macrocoordenação; Gaia: integração planetária.	Direção/execução encaixa como estrutura hierárquica geral.	Regências e especializações sugerem divisão funcional.	Framework (minha obra) + catálogo operativo (Saraceni) + princípio hierárquico (Kardec).
Antropocentrismo	Crítica direta: natureza não existe para validar carências humanas; foco é coerência do sistema.	Educação moral do humano é central, sem folclorizar a natureza.	Prática tende a atender demandas humanas (proteção, limpeza, resultados).	Leitura recomendada: alinhar-se ao sistema, não exigir “atendimento” do sistema.